



#8M NOS MUROS
Campanha da AdUFRJ e do Observatório do Conhecimento projetou, nos muros de Rio, São Paulo, Recife e Salvador, imagens que traduzem a luta das mulheres pela igualdade

Páginas 4 e 5

LUTO PELA MORTE DE MAIS DE 270 MIL BRASILEIROS DE COVID

~~desistir~~ [do lat. desistere.] V. t. i. **1.** não prosseguir (num intento); renunciar: “sentindo a inutilidade de meu esforço, desisti de lutar.” (Josué Montelo, A Noite de Alcântara, p. 159). A oposição dos correligionários levou-o a desistir da candidatura. Int. **2.** Não prosseguir num intento; renunciar: As ameaças têm-no abalado, mas ainda não desistiu.*

* FONTE: NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, DE AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, 2ª EDIÇÃO, EDITORA NOVA FRONTEIRA, RIO DE JANEIRO, 1986

“A PALAVRA **DESISTIR** NÃO EXISTE NO MEU DICIONÁRIO”

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

ARTIGO: PROFESSOR JOSUÉ MEDEIROS ANALISA DISCURSO DO EX-PRESIDENTE LULA

O cientista político considera que “o ato decisivo da nova conjuntura não foi a decisão de Fachin, mas sim o modo como Lula deu consequência a ela. Em um discurso histórico, o maior líder político do país mostrou o tamanho da sua força. E ao fazer isso, refletiu o tamanho da pequenez do atual presidente. Uma vez mais, tudo mudou na política brasileira”.

Página 3

CENSURA NÃO: COMUNIDADE ACADÊMICA REPUDIA PERSEGUIÇÃO À ADUFERPE

O governo Bolsonaro segue perseguindo os professores. O alvo agora é a professora Erika Suruagy, vice-presidente da Associação dos Docentes da Universidade Federal Rural de Pernambuco (Aduferpe). Erika foi intimada a depor na Polícia Federal graças a um inquérito criminal que investiga outdoors contra o governo colocados em cidades de Pernambuco.

Página 6

EDITORIAL

A UNIVERSIDADE NÃO SE CALARÁ

DIRETORIA

O país mergulhou na pior e mais assustadora crise sanitária de sua história. A irresponsabilidade do governo federal atingiu níveis inimagináveis. Sofrimento e luto em todos os estados, em todas as regiões. Há um responsável por tudo isso, e não tardará o dia em que será obrigado a responder por sua inépcia e incompetência. Ao mesmo tempo, persistindo em seu projeto autoritário, tenta intimidar os sindicatos e coloca mais uma vez na sua mira os professores das universidades públicas. E mais uma vez, em todo o país, nos levantamos uníssonos para defender a democracia e a liberdade de expressão. Não aceitaremos intimidações como a que ocorreu com a professora Erika Suruagy, então presidente da ADUERP, da Universidade Federal de Pernambuco. Eles terão que recuar, será uma derrota após a outra, a universidade não se calará.

Temos insistido que, apesar de todas as dificuldades impostas pela pandemia, não podemos ceder ao desânimo e, menos ainda, acreditar que há uma solução individual para o horror que estamos vivendo. Precisamos enfrentar tudo isso juntos, recuperando a velha máxima de que unidos venceremos, e mesmo que nossas primeiras vitórias sejam magras, elas crescerão com a nossa persistência e organização.

Foi assim em relação à PEC 186, em que garantimos recuos importantes na votação do Senado e na Câmara. Ainda está longe do que precisamos, mas o governo não está conseguindo implantar as "reformas" que o mercado tanto exige.

Na próxima semana te-

Temos que aproveitar a porta entreaberta. Não temos salvadores da pátria, não temos messias. Ou entramos todos em campo ou não vamos virar o placar. E hoje não há mais dúvida que se trata de vida ou morte. Façamos a nossa parte.

remos mais um embate decisivo: o orçamento da união. E nele precisamos urgentemente reverter os cortes para a Educação e a Ciência. É vital para que possamos manter o andamento das pesquisas e a universidade em funcionamento. Tem dado resultado a pressão direta aos parlamentares. O Observatório do Conhecimento criou instrumentos para que possamos fazer isso e é muito importante que tenhamos uma resposta decisiva nesse momento (<http://bit.ly/enxamepelaploa2021>).

A semana foi também das mulheres, em todo o mundo elas compareceram com suas bandeiras e conquistas. E aqui não foi diferente. Apesar de todas as dificuldades, na carreta do dia 7 marcamos presença nas ruas. E, no dia 8, a AdUFRJ em parceria com a ADUNICAMP, ADFUABC, ADUFEPE, APUB e o Observatório do Conhecimento, participou de uma homenagem à luta das professoras, pesquisadoras, cientistas de todo o Brasil. Idealizada pela professora Christine Ruta, diretora da AdUFRJ, projetamos imagens que traduzem a luta das

mulheres pela igualdade nos muros de Rio, São Paulo, Recife e Salvador. Nas páginas 4 e 5, Chris explica a campanha.

Mas esse editorial estaria incompleto se não fálássemos do principal lance da semana, que tem análise de Josué Medeiros na página 3. Citando o ex-presidente da Câmara, ninguém precisa gostar do Lula para entender a diferença entre ele e o atual presidente. Ou a mais insuspeita de todas, a senhora Miriam Leitão, que reconhece sensatez na fala de Lula ao desmascarar a responsabilidade de Bolsonaro sobre a pandemia no Brasil. Ou seja, entrou em campo o nosso melhor jogador. Nos primeiros cinco minutos de discurso, ele já tinha demonstrado ao mundo porque precisou ser preso para que Bolsonaro ganhasse a eleição. Além da fala clara e sensata, que apontou com precisão os pontos nevrálgicos para uma grande frente de salvação do país, ele colocou no centro do debate o berço de onde ele partiu: as lutas sindicais e a redemocratização do país. E o principal, desorganizou o jogo do adversário e impôs um novo patamar do debate nacional. Temos que aproveitar a porta entreaberta. Não temos salvadores da pátria, não temos messias. Ou entramos todos em campo ou não vamos virar o placar. E hoje não há mais dúvida que se trata de vida ou morte. Façamos a nossa parte.

Uma abelha só não faz pressão

Vem para o enxame pelo orçamento

Pressione nas redes dos parlamentares pela recomposição do orçamento do conhecimento

CAMPUS DE MACAÉ SOB NOVA DIREÇÃO



O professor Irnak Marcelo Barbosa é o novo diretor-geral do Campus de Macaé. Eleito democraticamente para o período de 2021 a 2023. Irnak assume o cargo anteriormente ocupado pela professora Roberta Pereira Coutinho. "Uma grande prioridade nossa será a institucionalização dos nossos cursos, com uma estrutura média da UFRJ. A expectativa é poder ter os institutos das unidades acadêmicas, como de Química, Medicina, Nutrição, Farmácia e outros", contou Irnak, que é professor de cirurgia pediátrica. O diretor se reuniu no dia 4 com os novos coordenadores para iniciar o planejamento da gestão. "A gente procurou pontuar as nossas metas de curto, médio e longo prazo. Foi uma reunião bem produtiva, e saímos dela com uma perspectiva positiva do trabalho a ser feito", completou.

(Kim Queiroz)

PARTICIPE DO ENXAME PELO ORÇAMENTO DAS UNIVERSIDADES

O Observatório do Conhecimento, rede nacional de sindicatos de docentes com forte atuação da AdUFRJ, lançou a campanha Uma Abelha Só Não Faz Pressão. A ideia do movimento é criar um enxame de mensagens para pressionar os parlamentares e reverter os cortes no orçamento das universidades. A proposta de lei orçamentária deve ser votada no próximo dia 24 de março. A cada dia, entre 15 e 19 de março, o Observatório indicará três parlamentares para fazer pressão, além da presidente da Comissão de Orçamento, o relator geral e os relatores setoriais de Educação e da Ciência e Tecnologia. Para participar, você escreve uma mensagem cobrando a recomposição do orçamento nas postagens mais recentes das redes sociais desses parlamentares. Neste link estão disponíveis a lista dos parlamentares, suas redes sociais e uma sugestão de mensagem: <http://bit.ly/enxamepelaploa2021>

MANOLO FLORENTINO PRESENTE!



O país perdeu na madrugada deste dia 12 de março um dos maiores especialistas em história da escravidão nas Américas e no Brasil. O professor Manolo Florentino, do Instituto de História, não resistiu a uma parada cardiopulmonar e nos deixou, aos 63 anos. Manolo foi docente da UFRJ por 31 anos, de 1988 a 2019, quando se aposentou. Foi presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa entre 2013 e 2015. Autor de 12 livros, participou de outros 37 com capítulos que destrincham a história da escravidão, a vida dos negros escravizados, os domínios do tráfico de pessoas negras, a sórdida economia estruturada no trabalho forçado. Pensador essencial para o Brasil de ontem e de hoje, o docente deixa uma lacuna difícil de ser preenchida. Que suas obras continuem nos levando à reflexão e nos ajudando a combater o racismo fruto de um período tão vergonhoso para a humanidade. Manolo Florentino presente! (Silvana Sá)

Artigo

JOSUÉ MEDEIROS

Diretor da AdUFRJ, cientista político e coordenador do Núcleo de Estudos sobre a Democracia Brasileira

E DE DENTRO DE UM SINDICATO TUDO MUDA NA POLÍTICA

O título desse artigo poderia ser usado em 1978, quando, do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, Lula – então presidente da entidade – recebeu um telefonema informando a eclosão de uma greve na Scania e correu para apoiar e dar suporte. Iniciava-se o movimento grevista que se tornou nacional e ajudou a pôr fim à ditadura militar instalada em 1964. Mudou tudo na política brasileira.

Poderia também ser usado em 1980, quando o mesmo Lula resolveu sair dos limites sindicais e fundar um partido político dos trabalhadores. O PT se tornou o primeiro e único partido de massas nacional do nosso sistema político. Organizou as energias de uma diversidade de movimentos sociais diferentes. Conquistou prefeituras, governos estaduais, presidência. Criou e implementou políticas públicas inovadoras. Mudou tudo na política brasileira.

O título serviria ainda para o fatídico dia 7 de abril de 2018, quando o criminoso juiz Sérgio Moro expediu o mandado para prender Lula no bojo da farsa jurídica da Lava Jato. O ex-presidente foi para a sede do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo não para se esconder, mas para fazer um grande ato político de defesa da democracia. Apesar dos pedidos de correligionários para resistir, Lula se entregou e, desde então, lutou para provar sua inocência. Bolsonaro só foi eleito pela ausência de Lula. Mais uma vez, mudou tudo na política brasileira.

Apesar das muitas possibilidades históricas de uso desse título, nossa escolha foi usá-lo para a nova conjuntura de Lula Livre e com os direitos políticos plenamente restituídos. O motivo é simples: é um erro achar que isso ocorreu de dentro dos gabinetes do STF, graças a uma "decisão" do ministro Edson Fachin no dia 8 de março de 2021.

Isso foi resultado de uma luta molecular que foi travada sem parar desde 2016, pelo menos. A começar pelo próprio Lula, que se recusou a desistir. Com o tempo, essa luta conseguiu ir além da esquerda, o que é fundamental para qualquer pauta ser vitoriosa. Setores das classes médias, da mídia, das elites políticas, jurídicas e intelectuais perceberam que a operação Lava Jato mostrou a antessala do autoritarismo no Brasil. Não por acaso, um dos seus principais resultados foi a eleição de Jair Bolsonaro.

Assim, o ato decisivo da nova conjuntura não foi a decisão de Fachin, mas sim o modo como Lula deu consequência a ela. De novo, da sede do Sindicato dos Metalúrgicos de São



Bernardo, no dia 10 de março. Em um discurso histórico, o maior líder político do país mostrou o tamanho da sua força. E ao fazer isso, refletiu o tamanho da pequenez do atual presidente. Uma vez mais, tudo mudou na política brasileira.

UMA NOVA CHANCE PARA A DEMOCRACIA

O quadro político até fevereiro era extremamente favorável a Bolsonaro. Sua vitória nas eleições para a mesa diretora da Câmara garantiu estabilidade e proteção institucional, complementando um escudo que ele já tinha no Judiciário (vide decisão do STJ que anulou as investigações contra seu filho, o senador Flávio Bolsonaro). Tudo isso foi operado com a ajuda dos militares, o que reforça sua posição institucional.

Na sociedade, apesar da tragédia econômica e da pandemia, o quadro se mostrava previsível. Sem ruas para questioná-lo, Bolsonaro controlava a agenda. A vacinação mais cedo ou mais tarde deslançaria e sobre esse tema ele repetia o padrão de outras polêmicas: ora diz que é contra, ora diz que é favor, e com isso mantém o controle da situação. Na economia, apesar da inflação dos

alimentos, aluguel e combustíveis, um novo auxílio emergencial garantia um alívio para os mais pobres e, de tabela, na sua popularidade. Por fim, na pauta dos direitos, Bolsonaro preparava um novo avanço do armamento e da defesa de uma concepção de família que ataca a diversidade.

Ele não enfrentava resistência das ruas. Não enfrentava resistência do sistema político. À direita, DEM e PSDB em crise. À esquerda, as disputas entre Ciro e PT falavam mais alto do que a unidade para lutar contra o governo. Novas lideranças com disposição de mudar isso (Boulos, Manuela, Dino) não têm forças para fazer isso sem os dois principais atores.

E as águas de março trouxeram dois grandes eventos que alteraram a luta política e acabaram com a posição confortável de Bolsonaro. O primeiro foi o tsunami da pandemia. Conforme alertaram cientistas do Brasil inteiro, de todas as universidades e institutos de pesquisa, nossa tragédia sanitária se consolidou. Estamos há 50 dias com média móvel acima de mil óbitos. Somos hoje o país em que mais se morre por covid-19. Os sistemas de saúde estaduais colapsaram



de norte a sul. Por dois dias seguidos tivemos mais de dois mil mortos pelo coronavírus.

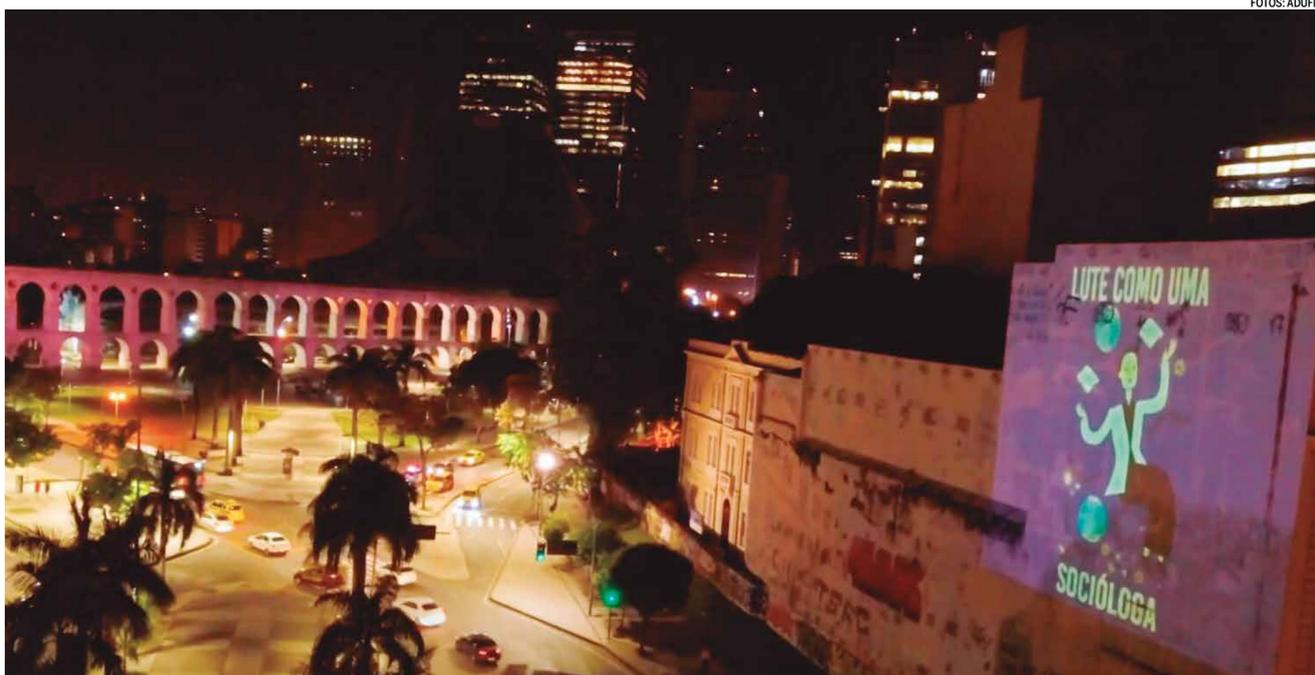
O segundo foi Lula Livre para disputar as eleições. Seu tamanho e sua capacidade política projetam uma esquerda unificada desde já em torno dele. E, conforme ele mesmo indicou, rodando o Brasil saindo da paralisação. Seu histórico pronunciamento no Sindicato dos Metalúrgicos indica ainda uma disposição para ampliar as conversas com setores da direita democrática. Sem isso, será impossível tirar Bolsonaro e refazer nossos pactos democráticos.

Se vai dar certo, não sabemos. As elites ainda se mostram tolerantes demais com a tragédia Bolsonaro. Sua Síndiofobia estrutural insiste em manter Lula e os setores populares fora da mesa. Mas, até fevereiro de 2021, o jogo estava encerrado. Março reabriu a luta política. É um caminho árduo, mas agora temos a oportunidade de caminhar.

E NÓS NISSO TUDO?

De nossa parte, como um sindicato de base e como cidadãs e cidadãos, o que podemos fazer para ajudar é aprofundar nossa capacidade de dialogar e mobilizar. Precisamos fazer mais conversas com os amplos setores da sociedade que não aguentam mais Bolsonaro. Tal como fizemos na AdUFRJ e no Observatório do Conhecimento – especialmente a APUB, da UFBA, que protagonizou o ciclo de debates Pensando a Universidade. Especialmente a mesa "Economistas Pensam a Universidade", com a presença da economista e nossa colega da UFRJ Esther Dweck, em companhia de Laura Carvalho, Monica de Bolle, André Lara Resende e Arminio Fraga. Com esse debate, conseguimos furar a bolha e consolidar ainda mais a ideia de que a universidade e a pesquisa precisam de mais verbas. Dinheiro para Educação e Ciência não é gasto, é investimento!

Além do diálogo, a mobilização. Participamos ativamente das carretas contra Bolsonaro organizadas pela Frente Povo Sem Medo e Frente Brasil Popular. Apesar dos limites desse tipo de ato, a receptividade das pessoas tem sido animadora e indica um ambiente propício para mobilizações de rua assim que a pandemia permitir. E temos também a campanha Educação tem Valor, do Observatório do Conhecimento, pela qual podemos pressionar virtualmente os parlamentares pela recomposição do nosso orçamento. Não deixe de acessar a plataforma <http://pressioneobservatoriодоconhecimento.org.br/>. A mobilização virtual tem dado resultados em várias frentes e com mobilização vamos reverter os cortes no orçamento das universidades!



FOTOS: ADUFRJ



NA CIÊNCIA E NA VIDA, A FORÇA DAS MULHERES

> AdUFRJ celebra o 8 de março com vídeo e projeções em diversas cidades, mostrando o avanço feminino em todos os ramos do meio científico. Ação respeitou as regras do isolamento social

LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

Nas ruas, mas sem aglomerações. Assim foram as celebrações do 8 de março da AdUFRJ, que preparou projeções com homenagens às mulheres da Ciência e exibiu em pontos do Rio e de outras cidades do Brasil ao longo da semana passada. As projeções exaltavam o papel da mulher na academia e reivindicavam mais inclusão no meio científico. A ação foi fruto de uma parceria entre a AdUFRJ e o Observatório do Conhecimento e contou com o apoio de outras associações docentes e

sindicatos de todo o país.

“As projeções, quando filmadas, produzem imagens de alto impacto”, observou a professora Christine Ruta, do Instituto de Biologia, diretora da AdUFRJ e idealizadora da manifestação. “É como se a AdUFRJ estivesse ocupando momentaneamente aquele espaço. Em ocasiões usuais ocuparíamos a rua. Mas, por enquanto, estamos ocupando alguns prédios”, justificou a professora, lembrando o momento que vive o mundo. “Em tempos sem pandemia, muitas ações podem ser pensadas, mas atualmente temos que ter criatividade para explorar ações sem aglomerações”, pontuou.

Christine Ruta ressaltou a importância de homenagear as mulheres cientistas. “Historicamente, a Ciência tem sido



um lugar masculino, com raras exceções. Hoje estamos em um processo de reverter esse cenário, e é importante mostrar que a mulher tem ocupado cada vez mais espaços em todos os ramos da Ciência”, defendeu. “Estamos trabalhando para que Marie Curie, Hipácia, Bertha Lutz e outras não sejam mais exceções”.

As projeções ocuparam os paredões externos do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, na Ilha do Fundão, a Escola de Música, na Lapa, e o Campus Macaé da UFRJ. Ganham também as ruas de São Paulo, Campinas, Salvador e Recife, graças ao trabalho dos sindicatos locais (respectivamente ADUFABC, ADUNICAMP, APUB e ADUFEPE). As projeções foram filmadas, e o resultado do

trabalho é um vídeo de quatro minutos com as imagens embaladas pela música “Dentro de cada um”, interpretada por Elza Soares. Você pode assistir ao vídeo em [youtube.com/adufrrj](https://www.youtube.com/adufrrj).

A estimativa dos organizadores da iniciativa é de que o vídeo com as projeções tenha sido visto por mais de 40 mil pessoas nas redes sociais, com mais de 2.800 comentários, um resultado considerado excelente pelo grupo. Mas Christine Ruta ainda chama atenção para outro impacto importante da ação. “Em termos de política sindical, esta campanha também foi extremamente positiva, uma vez que articulou diversas Ads do Brasil, que representam uma grande diversidade de posições no movimento dos professores”, defendeu a professora.

Artigo

CHRISTINE RUTA

Professora do Instituto de Biologia e diretora da AdUFRJ

AS NOVAS BRUXAS: DAS VASSOURAS AOS DRONES

A condição das mulheres no mundo ainda é muito preocupante. No início do século XX, a principal reivindicação das mulheres no mundo ocidental era o direito de voto. As mulheres conquistaram o voto na Nova Zelândia, em 1893, sem poderem ser eleitas. No Brasil, o voto feminino foi regulamentado em 1934, no governo Vargas. Nesta época, o Brasil estava na vanguarda, pois em cerca de uma centena de países as mulheres ainda não votavam, como a França, grande parte da América Latina e a Suíça, onde as mulheres tiveram direito ao voto apenas em 1971. Mas o caminho para os direitos civis básicos para as mulheres é longo. Como um exemplo de sociedade na qual as mulheres estão sempre sob a tutela de um homem, devido à regra da “sharia”, o direito ao voto e o direito à carteira de motorista foram conquistados em 2018 na Arábia Saudita e, em 2019, as mulheres puderam obter um passaporte e viajar sem a permissão de um homem. Embora tal situação me pareça chocante, podemos dizer que há algum progresso. Dentre outras, uma referência fundamental sobre essa evolução é História das Mulheres no Ocidente, Século XX, de Georges Duby e Michelle Perrot.

Segundo a ONU, as mulheres ganham em média 16% menos do que os homens em escala mundial e ocupam apenas 28% dos cargos superiores e de direção. Embora a grande maioria de pessoas mortas por assassinato seja de

ARQUIVO/ADUFRJ



homens, o terrível é que 82% dos assassinatos de mulheres são cometidos por um companheiro ou membro da família. E ainda mais preocupante: sem distinção de renda, educação e idade, um terço das mulheres no mundo sofreu algum tipo de violência física ou sexual por seu parceiro, segundo um relatório de 2020 (The World's Women 2020 Trends and



Em 2020, as mulheres da AdUFRJ estenderam um lençol lilás no gramado na Candelária, no qual muitas delas, e outras manifestantes crianças, mães e avós posaram sentadas. Naquele momento, era o chão que dava suporte à nossa bandeira. Este ano, tivemos que subir, que voar”

Statistics: <https://www.un.org/en/desa/worlds-women-2020>). E a pandemia só fez piorar as estatísticas.

Segundo este mesmo relatório, as disparidades de gênero na educação são maiores e ocorrem em mais países no nível secundário do que no nível primário. E quando as meninas têm acesso à escola elas “tendem a ir melhor do que os meninos em termos de desempenho nos níveis primário, secundário e além”. As disparidades de gênero persistem nos campos de estudo escolhidos na educação superior, mas a taxa de matrícula está crescendo mais rapidamente para as mulheres do que para os homens. As mulheres continuam a ser subrepresentadas entre os graduados nos campos



da Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática, constituindo algo como 35% dos graduados nestes campos. As mulheres também são minoria na pesquisa científica e desenvolvimento, somando menos que 30% dos pesquisadores no mundo.

Em 2020, as mulheres da AdUFRJ estenderam um lençol lilás no gramado na Candelária, no qual muitas delas, e outras manifestantes crianças, mães e avós posaram sentadas. Naquele momento, era o chão que dava suporte à nossa bandeira. Este ano, tivemos que subir, que voar.

Nossa ação no 8M em 2021 reflete ao mesmo tempo as limitações da ação política na pandemia e a ousadia de ocupar novos espaços nas cidades Brasil afora. “Projetamos” nas fachadas de prédios em várias cidades os anseios da AdUFRJ por uma sociedade mais justa, que dê mais oportunidades às mulheres em todos os campos, mas especialmente na Ciência e na Educação. O olhar dos drones registrou essa ocupação simbólica dos espaços públicos por mensagens realçando o poder e a determinação das mulheres. Achei poético nossas mensagens escalando o alto dos prédios em desafio ao patriarcado, ao capitalismo selvagem e à necropolítica.

O vídeo que registrou os eventos articulou nossas mensagens com a diva Elza Soares cantando “Dentro de cada um”. Quando ela canta “e vai sair de dentro de cada um, a mulher vai sair”, eu vejo as bruxas de hoje montarem nos drones e saírem do lençol da Candelária para os prédios Brasil afora!!

TRAGÉDIA DOS CASAMENTOS INFANTIS: MAIS UMA POSIÇÃO DE DESTAQUE DO BRASIL

No último Dia Internacional das Mulheres foi lançado um alerta pela Unicef de que a pandemia pode levar dez milhões de meninas a se casar até 2030. Uma grave ameaça ao progresso alcançado na última década contra o casamento infantil no mundo, que traz consequências como a gravidez precoce e a manutenção das desigualdades de gênero no acesso à Educação e à inserção no mercado formal de trabalho.

O casamento precoce é uma situação perversa que causa o sofrimento de milhares de meninas no mundo. No Brasil não é diferente. Um levantamento feito pela ONG Plan Internacional aponta que o nosso país ocupa a vergonhosa 4ª posição no ranking internacional de casos de casamento infantil*. Portanto, é urgente que o Brasil crie políticas públicas efetivas para o enfrentamento do casamento infantil, do contrário milhares de cidadãs

brasileiras terão seu futuro interrompido, trazendo como consequência indireta um agravamento no quadro socioeconômico do país. A questão, porém, é que o Ministério das Mulheres, da Família e dos Direitos Humanos do Brasil (MMFDH) foi ocupado arditamente por fanáticos religiosos que transformaram o gabinete governamental do Estado em um ambiente para exercer seus ministérios sacerdotais e pastorear o povo brasileiro conforme seus credos doutrinadores. Dentre as ações irresponsáveis impostas pela atual ministra Damares Alves está a campanha “Tudo tem seu tempo: adolescência primeiro, gravidez depois” de 2020, que pregava a abstinência sexual como método para diminuir os índices de gravidez precoce no país. Uma campanha que exemplifica, mais uma vez, como a ministra impõe a sua devoção religiosa em seu trabalho de Estado.

Afinal, é amplamente comprovada a ineficácia da “abstinência sexual” como política de saúde pública, como confirma a *The Society for Adolescent Health and Medicine*. No último 8 de março, Dia Internacional das Mulheres, data simbólica para lembrar a luta cotidiana por condições de igualdade entre os gêneros, no seu discurso em comemoração à data, a ministra Damares Alves se referiu a Jair Bolsonaro como “o presidente mais mulher que já viu”. Na realidade o governo Jair Bolsonaro tem sido hostil às mulheres desde a campanha presidencial. Por exemplo, em agosto do ano passado o Ministério Público Federal apresentou ação civil pública contra o seu governo por posturas “desrespeitosas” e declarações discriminatórias, feitas pelo presidente e ministros em relação às mulheres. Também o governo Jair Bolsonaro neste 8 de março se negou a assinar

a declaração conjunta feita por mais de 50 países para marcar o Dia Internacional da Mulher no Conselho de Direitos Humanos da ONU. Em 2020, diante do pior cenário de aumento da violência contra as mulheres devido à pandemia, o Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc) denunciou o MMFDH por ter a mais baixa execução orçamentária dos últimos dez anos para políticas públicas destinadas exclusivamente às mulheres. Na prática, isso significa que em 2020 centenas de jovens cidadãs brasileiras em situação de violência deixaram de ser protegidas devido a incompetência da ministra. Ligue 180 é o número que, segundo o MMFDH, serve para a mulher denunciar e ser orientada em caso de violência doméstica. Qual é o número para denunciar a ministra Damares Alves, que desde o primeiro dia de seu mandato age com outro tipo de violência contra as mulheres brasileiras? (Christine Ruta)

* A ONU define como casamento infantil toda união formal ou informal antes dos 18 anos.

PERSEGUIÇÃO A PROFESSORA É MAIS UMA FACE DO AUTORITARISMO

> A pedido de Bolsonaro, Polícia Federal abriu inquérito e intimou a depor vice-presidente da Aduferpe por campanha contra os ataques à Educação e ao SUS e contra as mortes pela covid-19

LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

O governo Bolsonaro deu mais uma volta no parafuso do autoritarismo. O alvo agora é a professora Erika Suruagy, vice-presidente da Associação dos Docentes da Universidade Federal Rural de Pernambuco (Aduferpe). Erika foi intimada a depor na Polícia Federal graças a um inquérito criminal que investiga outdoors colocados em várias cidades de Pernambuco. As peças criticavam os ataques do governo à Educação e ao SUS, mencionavam o número de mortes pela covid-19 (120 mil vítimas à época) e caracterizavam Bolsonaro como “o senhor da morte chefiando o país”.

As placas foram instaladas em setembro, e eram parte de uma campanha da Aduferpe junto com outros sindicatos locais, como a Seção Sindical dos Docentes da Universidade de Pernambuco (ADUPE) e o Sindicato dos Servidores dos Institutos Federais de Pernambuco (SINDSIFPE). “O ministro da Justiça, com base em um requerimento do presidente Jair Bolsonaro, solicitou a abertura de um inquérito para apuração, alegando atentado à honra do presidente”, contou a professora Erika, que soube do inquérito depois de ter sido intimada pela Polícia Federal para prestar esclarecimentos.

Segundo a professora, a delegada da Polícia Federal tomou seu depoimento e entendeu se tratar de uma campanha sindi-

cal. Mesmo assim, não encaminhou o inquérito para arquivamento, deixando a decisão para o Ministério Público. “Nesse momento achamos que era importante denunciar, tornar público o que estava acontecendo”, diz Erika, que foi intimada porque era a presidente da Aduferpe na época da publicação dos outdoors.

A docente está tranquila com o aspecto legal do caso. “Nós entendemos que não é crime, e mais ainda porque estou em um mandato coletivo, eu represento 1.200 professores”, explicou ela, que chama a atenção para o lado político da decisão do governo. “O objetivo é intimidar, dizer que quem abrir a boca para criticar vai para a cadeia”, avaliou a professora, que tem sido atacada nas redes sociais por apoiadores de Bolsonaro. “Essas intimidações estão acontecendo com cientistas e outros professores. Nós temos que nos posicionar”.

O Andes divulgou uma nota de apoio à professora e criticando o governo. “De modo absurdo e afrontoso às liberdades políticas inscritas na Constituição de 1988, a Polícia Federal dá continuidade à infundada queixa”, diz a nota do sindicato, que lembrou que a medida é parte de “outras marcas de perseguição docente”, como o caso dos professores da UFPEL que tiveram que assinar um Termo de Ajustamento de Conduta. A UFRPE também publicou uma nota de solidariedade, reafirmando “o direito legítimo a manifestações públicas, sejam de origem do movimento sindical ou de qualquer outra, ressaltan-



O objetivo é intimidar, dizer que quem abrir a boca para criticar vai para a cadeia

ERIKA SURUAGY
Professora e vice-presidente da Aduferpe

do-se o caráter inconstitucional e inadmissível da censura”.

A UFRJ divulgou nesta sexta-feira (12) uma nota de apoio à professora. “Prestamos solidariedade à Érika Suruagy neste momento de tensão. Lembremos, ainda, que a universidade federal é instituição de Estado e, por isso, não é subserviente deste ou daquele governo, sendo portadora de autonomia didático-científica, conforme a Carta Magna afirma”, diz a nota. Leia a íntegra em (<https://ufrj.br/2021/03/12/nota-de-apoio-a-professora-erika-suruagy-da-ufupe/>).

Na avaliação da professora Eleonora Ziller, presidente da AdUFRJ, a instauração do inquérito a pedido de Bolsonaro é mais uma manifestação de um presidente que se comporta como uma criança mimada. “O raciocínio político dele é infantil e precisa de limites”, explicou Eleonora, que considera que o perigo maior é as pessoas acha-

rem normal que o presidente se comporte assim.

“Nós temos que repudiar isso nacionalmente e com muita força. Ele ultrapassou todos os limites do ridículo”, defende Eleonora, que acha que o presidente tem que ser responsabilizado pela péssima política de condução da pandemia. “Vamos buscar modos contundentes de demonstrar isso a cada dia. Não recuaremos um milímetro”, disse Eleonora, que também se solidarizou com a professora Erika Suruagy.

Para o presidente do PROIFES, Nilton Brandão, a situação é preocupante, e cita o caso dos professores da UFPEL. “Temos um governo policialesco que não admite nenhuma crítica e que, portanto, vai tentar penalizar qualquer cidadão que possa demonstrar contrariedade em relação às ações do governo”, disse o professor, que acredita que o Brasil caminha para um regime autoritário.

NOTAS

CURSO DE HETEROIDENTIFICAÇÃO RECEBE MAIS DE 700 INSCRIÇÕES

A UFRJ recebeu mais de 700 pedidos de inscrição para o Curso de Formação para Comissões de Heteroidentificação. Os pedidos vieram de todo o país, conforme informou a conselheira Noemi Andrade, representante dos técnicos-administrativos no Conselho Universitário. “O curso da Comissão e da Câmara de Heteroidentificação abriu uma porta para mostrar o combate ao racismo que é realizado pela nossa universidade”, comemorou a conselheira. “A Câmara é plural, formada por técnicos, professores, estudantes. Infelizmente não poderemos atender a todos, mas toda essa repercussão é fruto do trabalho sério realizado por todas essas pessoas”. As inscrições terminaram no último dia 10. O curso terá oito aulas e acontecerá de 17 a 31 de março. As aulas serão assíncronas pela plataforma AVA UFRJ. A aula inaugural poderá ser acessada pelo público por meio do canal da Câmara de Políticas Raciais: <https://www.youtube.com/channel/UciqzeAJX39XDigt9ii-FhBug>.

UFRJ PRORROGA PRAZOS PARA CONCURSOS DOCENTES

O Conselho Universitário prorrogou o prazo para a realização dos concursos docentes regidos pelos editais 953, 955 e 956, de 20 e 24 de dezembro de 2019. A nova data se encerra em 31 de dezembro deste ano. Antes, o prazo acabava em junho. Muitas unidades ainda precisam aplicar a prova presencial aos candidatos, o que tem sido difícil em meio ao agravamento da pandemia. A Faculdade de Letras, por exemplo, teria mais de 70 candidatos para a realização dos exames presenciais. Os três editais destinam vagas para unidades de Macaé, Caxias, Colégio de Aplicação, Fundão, Praia Vermelha, Valongo, Anna Nery, IFCS, História e Museu Nacional. O professor Vantuil Pereira, conselheiro representante dos Associados, lembrou que muitas unidades fizeram pedidos de alteração das datas. “A dilatação dos prazos nos deixa mais tranquilos e permite uma organização melhor das várias unidades. Faltando pouco mais de três meses para o fim do prazo, o desenho é de agravamento da pandemia. O pleito é muito pertinente”.

CONSUNI MUDA REGRAS PARA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL

Por conta da pandemia ainda sem controle no país, o Conselho Universitário flexibilizou requisitos para inscrição e renovação de benefícios previstos na política de assistência estudantil. A nova resolução suspende — enquanto durar a pandemia e o ensino remoto — um dos critérios para a concorrência dos estudantes aos editais da PR-7. A partir de agora, o aluno não precisará cursar 20 horas semanais na graduação para ter o direito à assistência. Ao invés disso, bastará cursar pelo menos uma disciplina. Uma exceção ainda foi acrescentada: estudantes que estejam em período de disciplinas estritamente práticas poderão concorrer aos editais sem cursar as matérias, já que a crise sanitária impede a realização de aulas experimentais. “Há muitos estudantes que têm relatado inúmeras dificuldades familiares neste período, que têm precisado escolher entre trabalhar e estudar. Não é possível que a gente tenha as 20 horas como condição para concorrer à assistência”, explicou a conselheira Júlia Vilhena, representante estudantil.